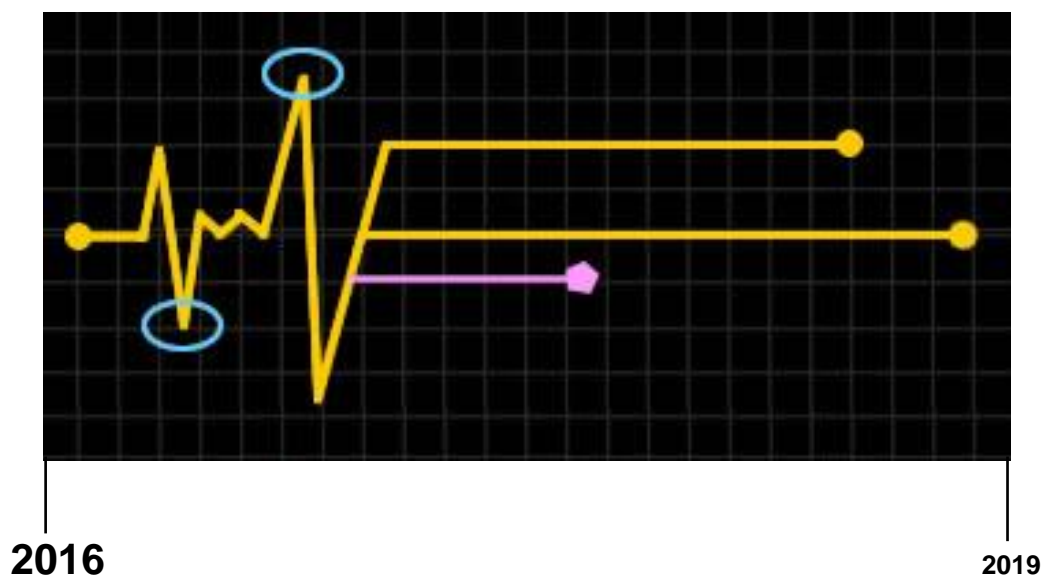


tempos angustiosos



poemas eRráticos
de
José M. da Silva
[2016-2019]

© 2019

o silêncio é eloquente
falante
tagarela
inteligente
consistente
e coerente

o silêncio diz do outro e de si mesmo
quando as palavras seriam só ruídos enervantes

o silêncio interpreta
define
descreve
ilustra
comprova
e reprova

o silêncio tem poder
mais que a divindade
mais que a autoridade

o silêncio vem de dentro
limpo
desconvencionado
incontaminado
autêntico
e sincero

o silêncio é verdadeiro
seja do bem, seja do mal
racional
sentimental
espiritual
ou carnal

o silêncio é ódio e amor
dolo e gozo

o silêncio é o nada que diz tudo

absoluto

infraudável
infalseável

respeitoso ou irreverente

o silêncio é abandono
o silêncio é desprezo
o silêncio é reencontro
o silêncio é confissão

paixão e emoção
reflexão
submissão, exploração
tesão

o silêncio é necessidade
esperteza
consequência
provocação
carícia
e agressão

o silêncio é preciso
e preciso
preciso

o silêncio é o tempo
o silêncio é o lugar

ler o silêncio é saber
ler o silêncio é conhecer

é mister ler o silêncio
decifrar as entrelinhas
o dito do não dizer

o silêncio é eloquente
e é por isso que me calo

Rio, 2016

vidas distópicas
buscas utópicas
corpos tentáculos
almas sem vida
vida desprovida de vida
entrada
mise-en-scène
homilia
e saída

preciso pensar
antes que me esqueça
preciso agradecer
antes que desvaneça
preciso sentir
antes que esmoreça
preciso morrer
antes que pereça

as raízes do mundo se afrouxam
começa o dilúvio
outra vez
eram amarras podres
desfortes
esperado o rompimento
o mergulho nas águas incertas
volumosas
tortuosas
para não perder a rima
para não perder a boia
a boia das palavras que resistem
só as palavras resistem
até o sol aparecer
em forma de lua lunática
em euforia midiática
entre nuvens esparsas de tempestade mediúnica
satúrnica
sons incompreensíveis da mente conturbada
dessensibilizada
de sempre
comme d'habitude
normal
nada de novo
de novo

tudo é só mais um ponto em uma linha torpemente desalinhada em curvincertas

as gentes no fundo são abjetas

o ser é somente um não ser que veio a ser e que em breve deixará de ser
para sempre
por todo o sempre

nada de mais
nada demais
na região limítrofe da loucura disfarçada de sucessos e fracassos diuturnos
só o de sempre
só a penumbra do ser
do ter sem haver

enquanto os ruídos do dia passam em sucessão desordenada
enquanto os ruídos da noite passam em sucessão desordenada

o hímen do intelecto se rompeu
himeneu acorrentado
ilusões perdidas de um desvelamento irrealizado da verdade
e tudo não passou de tensão existencial

vida em versos que iniciam poemas inescritos
aprendizado
prática
reflexão
movimento desuniforme em progressão geodésica
feiticeiras e aprendizes
erros e acertos
a busca da obra-prima enquanto há tempo

nunca há tempo
nunca a tempo

e quando vem a inspiração
a inspiração de todas as inspirações
não há mais tempo
só um vento árido
e depois uma brisa suave
diáfana
um aroma de incenso
doce
intenso
um vazio sonoro ensurdecidor
agônico
postônico
calmante
tranquilizante
orgasticamente relaxante

e depois

uma última pitada de sentires vários
suvenires de uma posteridade em ostracismo

e depois

a insensação
a desação
a sedução erótica do vazio
o derradeiro arrepio

e depois
só o depois
nada além do depois

cruzado está o limiar da angústia existencial rumo à total insensibilidade recôndita aprazível

a não vida continuidade natural da vida
vida e não vida
mera questão de ponto de vista
o lá e o cá
o agora e o depois
mera questão de ângulo
de visão
de interpretação

e depois a vida prossegue alheia à desvida recém-partida para a depoisidade recém-parida

como sempre
como deve ser
como sói ser
como dói ser

Rio, 2016

É preciso viver na medida exata do tempo necessário para cada coisa. Ou algo assim.

Rio, 2016

Vinho e amor

para Chris

o vinho é o sangue do amor
transita pelas veias
desperta
excita
abre caminhos desconhecidos
liberta
convida ao prazer
derrama-se pelo corpo
espalha-se pela mente
acirra a criatividade, a sensualidade
inventa novas formas de explorar
imaginação materializada em pele e sentidos
contidos, preliminares, desveladores, preparatórios
inibição dando lugar ao despudor
carícias, desejos na ponta dos dedos
mãos que afoagam, deslizam, apertam, machucam
a boca passeia pelos pés
início da jornada
o sabor do vinho
o sabor da pele
mistura explosiva
ativa
a língua traça caminhos improvisados
viscosa, ansiosa, gulosa
o gosto do vinho já se confunde com teu suor, com tua expectativa
teu corpo é a montanha inexplorada
o vinho a trilha sonora com sabor de sinfonia corporal
os sentidos se combinam
as possibilidades me alucinam
teus gemidos me convidam
meu objetivo é teu prazer
meu desejo é teu desejo
a demora em percorrer teu corpo me delicia
me enche de ousadia
saboreio mais do vinho do teu corpo quente
ardente
teus músculos se contraem com minha passagem
ordeno que não te mexas
deixa-me devorar tua imagem com meus lábios dormentes deste vinho que tem a cor
[do nosso pecado]

safado
rasgado
desaforado
aguardado
incontrolado
derramo taças de vinho ao longo de você
continuo corpo acima, membro a membro
fico inebriado do teu ser
tua passividade aparente me desafia
mais
mais
já sinto teu cheiro inconfundível
estou perto
estamos perto
bem despertos
minha mente viaja em nosso deleite

mais
quero mais
mais de você
até não poder mais
mais vinho
mais você
sinto no gosto do vinho tua excitação
teu silêncio complacente
convidativo
desafiador
teu descontrole é visível
teu autocontrole está por um fio
sugo a poça de vinho em tuas costas e saboreio de perto o cheiro do teu suco
a última gota sobre teu corpo indica o início da última etapa a ser percorrida
estou pronto
estás pronta
estamos no ponto
ebulição
fruição
não mais corpos
só tesão
você me pede
insiste
você se mexe
remexe
safada
abusada
amada
vejo teu corpo ensanguentado
e sei que é a hora de invadi-lo com o que resta de minha lucidez
damos vazão a toda insensatez
encharco-me de vinho de sangue de amor
e penetro teu corpo arfante, suplicante
sinto teu sabor com meu sabor
aperto tuas carnes com força
arranho tuas coxas, puxo teus cabelos
você me quer cruel, impiedoso
amante criminoso, violador
eu obedeço, escravizado, usado, desabusado
estamos incontrolláveis, indecorosos, licenciosos
perto do fim
a ida sem volta do amor carnal
fatal, abissal, colossal, animal
quero teu gozo no meu gozo
quero teu prazer mais prazeroso
macho e fêmea
alma gêmea
nos lençóis as marcas do desejo
os rastros da exaustão, da paixão, sofreguidão
sem freio, sem receio
resquícios do vinho, do desatino, nosso sabor
do sangue do amor

Rio, 2016

O espelho e você

para Kika

o espelho me dá de presente tua imagem
sensual
matinal
comedidamente safada
um seio
pelo meio
dentro da camisola que envolve teu corpo encostado à porta
como se me convidasse
como se me desafiasse
como se me puxasse
queria penetrar no espelho como alice
e te abraçar suavemente
a princípio carinhosamente
suavemente
acariciar tua pele por cima do tecido
cheirar teus cabelos
beijar teu pescoço
beijo quente, saboroso
sentir teu corpo se colando ao meu
provocando
incitando
teus olhos se fecham para sentir melhor o meu contato
nossos odores se misturam
teu banheiro fica apertado na medida para nosso desejo
não, não te quero nua hoje
só o suficiente
agora quem me olha pelo espelho é você
teus olhos engolem meus olhos
brilhantes de vontade
tua boca sorri maliciosa
ardilosa
habilidosa
não, hoje não haverá preliminares
te quero por trás
invasivo
grosseiro
direto
abusado
suspendo tua camisola
o instinto te inclina na posição correta
aquela que você conhece
aquela que me agrada
aquela que te excita
nossos olhares se cruzando no espelho
teu corpo se contrai quando te penetro sem aviso
deslizo fácil para dentro de você
aperto teu quadril com força
beijo teu pescoço, minha língua na tua nuca, meu hálito quente em você
teu sorriso no espelho me conhece
me faz viril
teus lábios desejam os meus lábios
não, hoje não haverá beijo de bocas

hoje nosso beijo é efusivo, encharcado
corpo dentro de corpo
imploro por teu gozo no espelho
no fundo dos meus olhos
quero ver teu rosto se deliciando com teu homem se derretendo dentro de você
tua dança sensual me deixa louco
teus movimentos articulados em meu sexo
não aguento mais
teu próximo gemido será o meu sinal
sim
assim
nós dois
teu gozo no meu olho pelo espelho
tua boca em ricto de prazer incontrolável
sinto teus espasmos em meus espasmos
dois orgasmos
corpos unidos, últimos gemidos
sentidos
abraço tua alma nesse corpo que me deixa ensandecido de tesão
estou grudado em teu cheiro, em tua voz, na textura de tua pele
meu amor escorre por tuas coxas
ainda quente
você quer meu beijo
finalmente
e quando te viras
tudo que vejo é tua imagem refletida no espelho novamente
você me olha
como se adivinhasse minha viagem
em prenúncio
em premonição
em desafio
cuidado
em breve meus superpoderes podem me levar através da imagem
através do espelho
através de você

Rio, 2017

teu sorriso mergulhou
nas ondas do mar
terá-se afogado?
foi-se refrescar?
molhar esses lábios carnudos
deixá-los mais salgados para meu prazer?
ou talvez um modo de dizer
me espera
voltarei para te abraçar
molhada
pingando
trarei o mar infinito em meu corpo
para que você seja minha oferenda
em cada gota que escorre do meu corpo
enquanto isso aqui me posto
a tua espera
na areia da praia
todos os dias
tua espera me excita
me prepara
tua demora me anoitece
no crepúsculo sensual
imagino teu caminhar
nua
ainda que só existas
em minha fantasia
sai noite
entra dia

Rio, 2017

poesia nua
como a pedra
como a planta
que encara a chuva
o frio
o calor
sem temor
verso cru
sem adornos
direto
contornos
de malícia
sem pudicícia
poema pele
poema carne
poema osso
poema fibra
desvestido
destemido
agressivo
calejado
a poesia é como o amor
só é boa quando dói
quando
desconstrói
quando agride
quando desperta
quando excita
quando é gozo
quando
é
livre
verso ácido
implácido
em pedaços
em frangalhos
e o que é a poesia
senão a vida em detalhes
em retalhos
?
!
JMS

Rio, 2017

poesia nua
 COMO a pedra
 COMO a planta
que encara a chuva
 o Frio
 o Calor

sem Temor
verso cru

direto

de malícia
sem pudicícia

des ves tido
des te mido
a gre ssivo
ca le jado

sem adORNOS
contORNOS
POEMA pele
POEMA carne
POEMA osso
POEMA fibra
a poesia é como o amor
só é boa quando dói
quando
des
 cons
 trói
quando agride
 quando desperta
 quando ex-cita
 quando é gozo
quando
 é

verso ÁCIDO
implÁCIDO

em pedaços
em frangalhos

e o que é a POESIA

senão a vida em detalhes
em retalhos

e i VR e

?
!

palavras que cortam
desamor
desertos da alma
entarde-ser
ao longe um piano titubeante
notas delirantes
fumegantes
pensamento errante
o corpo dividido
a mente tripartida
trepanada
estripada sobre a mesa
sobremesa
sobrevoo
moscas famintas
espreitam, abutram
feições extintas
o ser o não ser e o pós-ser
demência
desordem da existência
algo está fora de ordem
tesouros desenterrados não servem de nada
só a busca interessa
a procura
a insaciedade que basta
caminhos poeirentos
agourentos
agorentos
desnível
conflito
incerta aridez
o ser patético
viver eclético
para nada
o fim sem fim no fim

Rio, 2017

são somente luzes que reverberam neurônios adentro
vibrações que pulverizam a razão já desfocada
é quando o ser se abre para a ebriedade da pseudoexistência
fragmentos de uma consciência equivocada
há um discurso vazio de propósitos na modernidade de todos os tempos
despido de pudor o pensar evapora em nuvens tumultuosas
o ser anda distanciado das próprias entranhas
perdido
distraidamente vaga pelas ruas de cidades barulhentas
sangue jorrando na incompletude da infindável busca orgânica da moeda sarcástica
ironia-mor da necessidade de subsistência
sarcasmo necessário para a sobrevivência
é só uma brisa seca e sufocante que sopra pelos degraus recônditos de escadas infinitas
porque há um disfarce mascarado que deturpa as sensações
vazias canções
depois da caça vem a bonança da prepotência satisfeita
hipocrisia
homilia
os olhos do dragão já perceberam o pavor desmesurado dos corpos em fuga
enquanto isso o pensamento indormido dói
a inconsistência do absurdo da vida queima a moral vetusta de governantes anacrônicos
arde o fogo-fátuo de paixões ilusórias de culturas impostas tempos afora
enquanto isso o delírio do sobrenatural afoga a natureza humana absorta em suas limitações
esta é só mais uma época de desvirtude
decrepitude
e assim caminham os viventes
nessas noites quentes
inexiste cura para o pensar
pensar é a maldição despejada cérebro adentro dos mortais que não deveriam ter nascido
os demais apenas deslizam impensantes pelo mundo
afoitos
em desgraça ou em locupletância
esvaindo-se em falsas liberdades
crueldades
no seio da moça jaz o paliativo para a dor universal
mais abaixo o refúgio temporário para as dores do mundo
o pensamento em geral só não dói quando é imundo
porque profundo
o ser só é verdadeiro no gozo e na dor
ande seu desejo seja lá por onde for
é quando o desconforto intocável derruba as barreiras que protegem o quarto escuro da mente
incurável
no mais
é só uma forte luz indescritivelmente alucinante
lancinante
nada de preocupante

Rio, 2017

faíscas de pensar

pulsam as veias
cheias
até se esgotar o desejo

até despontar o próximo beijo

o amor é lindo
e findo

o antes é o começo do depois
o importante é viver entre os dois

teu corpo agiota
dívida infinita
quero pagar
até meu último centavo
teu escravo

demorei a perceber
quando vi
não era mais você

teu silêncio é opressivo
me sinto permissivo

de agosto a dezembro vou te amar
depois não sei

o que eu queria mesmo é o isolamento completo
inclusive de mim mesmo

muitas vezes o problema não é minha atitude
mas sua expectativa

uma faísca. uma fagulha. tão breve. tão intensa. achei que trazia todo o sentido do universo. engano. de novo.
só um lampejo. um brilho fugaz. uma lasca de verdade em meio à obscuridade. veleidade insana.
excentricidade mecânica. pensar automático. errático. imaginação volúvel. a conta exata da imprecisão.
e tudo logo volta ao normal. ao banal. trivial.

na divisa
precisa
abusiva
entre o corpo e a alma
existo
resisto
desisto

e como legado
deixo à posteridade
toda minha obra não lida

Rio, 2017

des-ser
desfazer o viver
a única maneira
de existir
desistir

o mundo inexistente
o ser resiste
num acorde
num refrão
no desvão – da mente

só na incoerência há paz
só a loucura compraz

e quando nada dá certo
existe a arte
ou o desastre
o que é dá no mesmo

Rio, 2017

beijos ao entardecer
para aquecer
amor no mar
para ri-mar
idílio

abandono
esquecimento
desmemória

em volta
ódio e violência
morte
poder e dinheiro
fome

abandono
esquecimento
desmemória

Rio, 2017

amar é possuir sem ter
é perceber sem ver
é morrer em pleno viver

Rio, 2017

o amor é uma invenção
um disfarce
para o próprio desejo
amar é a ambição
da própria satisfação
amar o dinheiro
amar o poder
amar ao próximo
amar a deus
amar alguém
amar a si mesmo
por trás do amor jaz algum outro sentimento oculto
medo
ganância
carência
escapismo
insatisfação
fraqueza
ou outra torpeza
amar é buscar o inatingível
e acabar aceitando o sofrível
por isso o amor é dor
e não há felicidade no sofrimento
sendo assim, jovens,
o amor não tem cabimento
mas ser humano é fugir
é se iludir
então
um brinde ao amor
nossa eterna desculpa para seja lá o que for

Rio, 2017

Poemitos de amor

dedicados a quem pediu e ainda vou conhecer

teus olhos me escutam
com desejo
minhas palavras articulam
um ensejo

tua voz me domina
teu corpo me alucina
tua nudez me cala
teu amor é o mar
revolto
tempestade
nosso gozo é eterno
primal, primordial

quero
te
ver
te
comer
te
beber
esquecer
do meu ser
dentro
de
você

antes
instantes
durante
rompante
após
só nós

o amor é uma flor
beleza
perfume
chuva e sol
contém o mundo inteiro
de janeiro a janeiro

amor bom é o inesperado
não planejado
porque é o mais safado

Rio, 2017

Versos da janela, para ela

*dedicado a quem pediu
para K.*

a roupa
a cor
o estilo
a saia realçando as curvas
o corte na coxa
reluzente
seios firmes
o corpo
uma mulher atraente
fisicamente
não a que passava por mim
essa é outra
mais amor
mais sabor

o rosto
o cabelo
o olhar
direto
perscrutante
inquietante
sensual
contido e abusado
uma mulher quente
ardente
não a que olhava pra mim
essa é outra
mais amor
mais sabor

a voz
proximidade
o perfume
a boca
o sorriso
as palavras
conversa com texto
contexto
discurso com nexos
conexo
uma mulher coerente
valente
não a que estava distante de mim
essa é outra
mais amor
mais sabor

observo
analiso
comparo
ela antes, ela agora
fantasio
indecido
investigo
descortino
uma mulher diferente
convincente
não a que insignificava pra mim
essa é outra
mais amor
mais sabor

quisera deslizar as mãos
por baixo do vestido
sentir a rigidez das coxas
o calor da pele
quisera beijar a boca
corpo contra corpo
quisera fazer amor
demorado
suado
despudorado

mas também
mais além
quisera saber
conhecer
o que pensa essa mulher
seus desejos
o que quer
partilhar de seus segredos
participar de seus enredos

nem só de amor vive o amor

essa mulher me atrai
a nova, não a outra
é uma mulher senciante
sapiante
não é mais a que se fechava pra mim
essa é outra
mais amor
mais sabor

essa mulher vive um processo
uma mudança
se descobre
se desvela
se revela
mais bela
encontra
o poder da liberdade
a liberdade de poder
sua essência aflora
desadormecida
exploradora
caçadora
uma mulher que sente
gente
não a que se escondia de mim
essa é outra
mais amor
mais sabor

o tempo
transformação
pensamentos
redemoinho
indecisão
confusão
a mulher que dizia sim
a mulher que diz não
uma mulher recente
nascente
crescente
potente
não a que eu sabia de cor
essa é outra
bem melhor

Rio, 2017

o céu acorda inchado
dolorido, desmotivado
o sol escondido
envergonhado
a natureza enfadada
descoragem
começar tudo de novo
um novo dia
uma nova tarde
trabalho em demasia
desperdício
e para quem?
não vale a pena
os rios correm porque é só o que sabem fazer
o mar ondeia porque sempre fez assim
o ar nos respira porque é o que lhe resta
o caos urbano
o cheiro podre da humanidade
a vida empestuada de insoluções, dissoluções
insalubre a atmosfera
fugiram os deuses, atônitos
deixaram os medos, recônditos
agora há umas poucas esparsas estrelas no firmamento
um desconfiado entardecer
esperança
pouca
imaginária, talvez
luzes diáfanas do anoitecer
semicobertas pela fumacinza de vômitos carbonizados
mas ainda assim luz
fraca
escassa
só a noite traz alívio
no sono
no abandono
o deserto chuvoso do sonhar
fantasiar
um novo dia
sem azia
sem a atrofia do dia a dia
uma vontade louca
um desejo insano
que a noite não seja insone
que a felicidade noturna não me abandone
um único pedido
que a inconsciência seja eterna
até o não mais acordar
de uma existência varrida pelas areias da insatisfação
que a madrugada urre em êxtase meu último foda-se
em brinde a todos vocês

Instante Alice

*para ?
a pedido*

a vida é injusta
incoerente
por que estou aqui
e você aí
o mar e a lua
distantes
eu no espelho e você nua
instantes
flagrantes
instigantes
quero penetrar na imagem e não consigo
impotência
você aí e eu aqui
eterno castigo
o teu olhar
no meu imaginar
eu em você perdido
aturdido
enquanto o vapor deste quarto ardente veste teu corpo
beldade
e me traz de volta a realidade

Rio, 2017

De Corpo e de Alma

pour Nalini Narayan

a nudez dos corpos
corpo dentro de corpo
corpo sobre corpo
a intimidade mais íntima
a entrega egoísta do gozo
união de corpos
quase amorfos
usufruto
morte e renascimento
falta e complemento
dois corpos em um só corpo
desespero e calma
e só então
a nudez pura e total da alma

não se trata de amor
invenção da cultura
da literatura
construção emocional
justificação social
posse e exclusividade
falsa liberdade
motor e freio das massas
hipocritamente devassas

a real origem do universo
duas essências que se atraem
o humano e o divino
um único canal
a força sexual
menosprezada
vilipendiada
deturpada

que seja resgatada
em tantra
em mantra
o sexo a cores
senhoras e senhores
e quaisquer outros atores

o erotismo demasiadamente erótico
aqui a verdadeira união
aqui a verdadeira religião
aqui se entoia o temido hino
o erótico a religar o humano e o divino

Rio, 2017

a felicidade é relativa
uma pedra
um olhar
um milhão
a vida é relativa
um plano
o acaso
o certo
o errado
existe um porquê
talvez sim
talvez não

Rio, 2017

um momento
único
vale a eternidade
um olhar
no gozo
a única
verdade
da sanidade

Rio, 2017

ao fundo, as ondas murmuram suaves
maresia, sol, suor
corpos quentes
fantasias ardentes
o céu observa com seu azul de interesse
o tempo, irônico, se apressa
dedos se tocam por acaso
os sentidos se aguçam
as línguas se debruçam
a tarde quente e o prazer intenso
corpo dentro de corpo
mar na carne sobre a carne
suspiros, gritos abafados, urros desgarrados
sobe a febre dos sentidos com a maré
insanidade orgástica
tempo sem tempo
momentos de eternidade
acaba o dia do prazer com o escurecer do tempo
nuvens relaxadas, morosas, pasteis
a lua traz o cansaço
a noite o regaço
o torpor
o arrefecer
do amor

Rio, 2017

há de se deixar levar
pelo inusitado
pelo inesperado
há momentos de planejar
há momentos de se deixar levar
querer
fazer
viver

Rio, 2017

A estilística de você

Tu e sua sedução
Eu e minha devoção
Olhar o olhar
Tocar o tocar
Sentir o sentir
Ao longe um suspiro
Um calafrio, um rumor de rio
Aqui um desvario
As horas passam
Como se segundos fossem
O tempo acaba
O prazer acaba
Tudo acaba
Mas a vida segue, prossegue, persegue
O sonho, o enigma, o delírio
Pedra, morro, montanha
Amor
Esse espinho que entranha

Rio, 2017

vejo o mundo pelo prisma
observador
investigador
pesquisador
empatia
telepatia
distopia
vejo pessoas e casais
coisas concretas, seres imortais
observo certezas e incertezas
alegrias e tristezas
investigo olhares
gestos
trejeitos
pesquise o coração pela atitude
da existência um voyeur
do pensamento um flaneur
perceber o desejo
antecipar o ensejo
decifrar o bocejo
essa a tarefa de quem tudo vê
deus por um lado
belzebu talvez
invisível
transparente
não hoje nem ontem
sou o hoje
o momento
um desconhecido interessado
devassando a intimidade distraída
o acaso da visão
percepção
sou quem ama e quem odeia
indiscreto
vicário
expertise
hemoptise
somos todos rimas fáceis
já conheço todas as rimas públicas e privadas
liberadas e travadas
sou da noite
sou do açoite
súcubo de meu próprio íncubo
desnudo
irreverente
insolente
abusado
ousado
sou olhares
avatares
ruídos
sou de um a virgindade
de outro a promiscuidade
avalio romances emergentes

prevejo amores destruídos
desmascaro machões impotentes
abomino fêmeas complacentes
abraço amigos condoídos
coletor palavras evanescentes
decifro conversas incongruentes
admiro corpos semoventes
apago rostos tremeluzentes
o entorno recende a jactância, timidez, incoerência
barulho, moedas, decadência
um pouco de verdade
um pouco de obscenidade
tudo pura necessidade
lábios que se movem
palavras gritadas
sussurradas
no fundo é tudo banal
na essência é tudo mortal
o copo na mão e o garfo na boca
é tanta coisa para assimilar, desvendar, catalogar
horas e horas de um eterno desfilar
mas persisto
insisto
meus olhos a lente
meu rosto a filmadora
meu ser a editora
a vida em volta é um movie sem the end
só um enredo que me prende
sinto no corpo o gosto do álcool alheio
na pele a mão da moça
no ventre o beijo sincero
porque devasso
agonizo no gozo alheio
afogueado por coxas e seios
— Mas não!
voyeurismo sem tesão
essa é minha profissão
não se deseja a carne onde se ganha o pão
preciso olhar
sem cobiçar
meu tesão é só imaginar
e olhe lá
porque ver o mundo pelo prisma
é história sentida
é sublimar a dor
a própria solidão
a própria devassidão
sentir pelo outro é uma arte
um disparate
un'anima a parlare
sottovoce
só você
fujo de olhares que me veem
permaneço à distância, quieto, soturno

onisciente, ubisciente
meu canto é meu castelo
o ambiente meu véu que não desvelo
vejo a vida e vejo a morte
a ganância e a sorte
o sul e o norte
a costura e o recorte
não julgo e não condeno
nem santo nem pecador
do universo um mero espectador
sou perene, sou eterno
sou o ser que ninguém vê
o espelho imaginário de você
o desafio do voyeur existencial é sua absoluta hamartia
a essência de toda poesia
deliciosa ambrosia
ver o fundo do mundo pelo prisma
chegada e partida
perdurância
o prisma do voyeur é sua própria desmedida

Rio, 2017

Breve Epitáfio

E quando tu morreres,
O que dirão de ti?

Quem foste?
O que fizeste?
Tua família vai chorar;
Teus amigos,
Conhecidos.
E quem mais além desses tão óbvios?
O que contarão de ti
Além das piadas, das risadas
Das bravatas, dos amores
Das loucuras, dos temores?
Ajudaste alguém?
Ajuda sincera? Ajuda verdadeira?
Ou os restos que não mais te serviam?
Deixaste algum fruto de valor?
Ou só família e filhos?
Foram só esses teu orgulho?
Passados cem anos, quem será tua memória?
Qual será tua história?
Tuas palavras calaram fundo?
Mudaste o mundo?
O que deste aos pobres
Além de esmola?
Além do um por cento que te trouxe fama efêmera e mais dinheiro,
E uma aura de cidadão do bem?
Foste bom?
Foste mesmo?
Segundo quais parâmetros além dos teus e dos teus iguais?
Viveste para o céu ou para a terra?
Fizeste por ti ou pelos demais?
Andaste à frente ou atrás?
Visionaste ou só imitaste?
Qual será o teu legado?
Livros? Problemas? Soluções?
Leis? Boas ou ruins?
Desgraças? Lamentos? Ou canções?
O que dirão de ti por trás da convenção?
Serás mera obviedade
Ou um ser humano de verdade?
Qual terá sido tua virtude?
Ou foste somente fachada e atitude?
Terás vivido em mistério?
Deixaste um império?
De que tudo isso te valeu
Agora que você morreu?
O que buscaste em vida:
Poder, dinheiro, fama, amor?
O que lucraste com tudo:
Aparência, insegurança, agonia, temor?
Fizeste alguém feliz

Que não os teus chegados?
Quantos por ti foram realmente amados?
Mas o que é amor? O que é valor?
Se não um relativismo acadêmico, uma desculpa distorcida, envelhecida
Para justificar com belas palavras a preguiça, a ganância e o egoísmo?
Tua existência foi fuga ou heroísmo?
Foste além ou ficaste aquém?
Rimaste os versos de tua vida como todos os demais
Ou criaste novos poemas seminais?
Vegetaste pensando ter encontrado em conquistas sociais a tão almejada felicidade
Ou abdicaste da tua alegria individualista e anonimamente ajudaste a sociedade?

Enfim, quem foste?
O que fizeste?
O que ganhaste?
O que perdeste?
O que deixaste?
De novo: o que deixaste?

Por onde andaste quando em vida?
Porque sabemos todos para onde vais agora:
Para o nada, como todos nós.
Pais, filhos e avós.
Terá sido tua vida um grande nada?
Será o mesmo a tua morte?
Ou conseguiste mudar a tua sorte?

Fizeste a ti estas perguntas quando em vida?
Ou serão por outros feitas após tua partida?

Quem és agora?
Quem serás depois?

Rio, 2017

nada pedir da vida
fama, poder e dinheiro
só ser um ser inteiro
nem, por inócuo, um grande amor
somente, se possível,
morrer sem dor

Rio, 2017

praça afonso pena
uma da manhã
ônibus demora
faz frio, mãos nos bolsos
o rapaz se aproxima
sei o que vai acontecer
olho em volta
cabine da pm abandonada
sorrio com a ironia
não dá outra
arma na barriga
dói
perdeu
não sei por que mas não reajo
passa a bolsa
não sei por que mas digo que não vai rolar
a pontada é mais funda na barriga
dói
e faz frio
olho nos olhos dele e digo não vai rolar
passa o celular; passa a carteira
não vai rolar
pode atirar
estou puto, cansado, triste e de saco cheio
atira e vai me fazer um favor
nem sei como consigo dizer isso
ele me olha
olho nos olhos dele
as mãos no bolso
não conseguiria tirá-las de lá se o quisesse
deve ser o frio
sinto pena quando ele diz tenho que levar alguma coisa
não vai rolar
tem gente na praça
tenta tua sorte
de mim só vai tirar sangue
não sei por que digo, mas digo
ele me olha
olho nos olhos dele
ele se afasta
estou anestesiado
deve ser o frio
não sei quanto tempo passa até chegar o 415
dou minha única nota de 20 e peço desculpas por não ter menor
sinto frio
não registro bem o que se passa
só vejo luzes no caminho
chego em casa
ainda faz frio
não sinto bem o corpo
mas a barriga dói pelo cano da arma
isso vai ficar roxo
melhor do que uma bala, penso
faz frio
acho que vou deitar

Sempre que chove

em ouvindo *Everytime It Rains*
de Randy Newman, na voz de Joe Cocker

sempre que chove lembro de você
a noite escura
o carro fechado às pressas
quase no meio da rua
você correndo pela calçada
portão escancarado
nossas roupas coladas
grudadas no corpo
você escorrega
o tombo
eu te levanto
te levo no colo
tua roupa nova enlameada
enlameando minha roupa nova
você chorosa, xingando
te beijo
você deixa, me beija
começo a rir
você também
o aguaceiro inusitado
a chuva desabalada
a varanda alagada
o muro baixo, convidativo
de pé, um pensamento
fantasia
imprenso você no muro
mãos que deslizam
afagam, alisam, apertam
você pura tensão
alguém vai ver
não vai, a chuva
muito forte
cortina
espessa, protetora
corpos molhados
de chuva e de amor
nosso amor escondido
apressado
desengonçado
semiequilibrado
meu gozo
em teu gozo
corpos vorazes
cercados pela chuva
o som forte da chuva
o cheiro forte da terra na chuva
o mundo abençoando nosso amor
nosso abraço
os cabelos pingando
as roupas entreabertas
o banho
admiro teu corpo ensaboado
uma obra de arte em andamento
mármore e granito
outra chuva que te lava
enxugo teu corpo e o meu

a cama quentinha
o abraço, suspiros
sons acalmados
relaxamento
o sono do amor
manhã de sol
teu ser impresente
o bilhete
sair cedo, avião, volto amanhã
tem café na cozinha
não voltei a te ver
a dor
a saudade sem despedida
sofrida
promessas incumpridas
sempre que chove lembro de você
até que meus olhos
parem de chover

Rio, 2017

o grito da alma
mudo
cruel
a vida
a vida
desespero
a voz inouvida do suicida

Rio, 2017

só o ser que dói é sensível
só a dor compreende
transcende
o viver
o choro liberta, alivia
desanuvia
faz mergulhar nas profundezas de si mesmo
emergir curado, renovado
das monstruosidades
insensibilidades
da existência
o fundo do poço desmistifica
tonifica
a dor não vem para quem procura
a dor vem para quem merece
para quem ousa
para quem arrisca
para quem petisca
só vem para quem vive com abrangência
e incoerência
tudo é necessário
sofrer é essencial
vital
o isolamento é crucial
solidão não é ser sozinho
é conversar com seu íntimo vizinho
embebedar-se com água e vinho
só existe poesia na tristeza
na estranheza
estar triste não é ser triste
é estar com a sensibilidade em riste
o sofrimento abre a mente
prevê o futuro
mais seguro
desmonta a ingenuidade
a falsidade
desinibe a verdade
que a alegria anestesia
promove a razão
que a dor amplia

Rio, 2018

Você

a pedidos

você tem o cheiro doce da terra
o carinho das ondas
a tranquilidade do céu
azul
nu
como eu
como você
você desperta sensores
horrores
tentadores
amores
você me come com os olhos
eu me dou sem receio
você é pura
sensualidade
amorosidade
razão e sensibilidade
toda felicidade
noite e dia, céu e inferno
prazer e dor
momento e eterno
mundo e fantasia
você é minha anestesia
sinestesia
gozo eclético, temor profético
o amor é egoísta
o prazer, pacifista
dadaísta
você é minha destruição e reconstrução
minha rima fácil
que corrige meu viver inábil
dentro de você
vejo sua alma com a minha
uma dadivosa, a outra mesquinha
achados e perdidos
tiro e queda
encontros e desencontros
secos e molhados
doces e salgados
clichê
balancê
fuzuê
buquê
eu e você
somos o bem e o mal
o real e o irreal
o previsível e a surpresa
com você sou passado e presente
com você
e só assim
sou gente

Rio, 2018

im bleeding
hard
i no not writ
but i blood
insid
i blood for lif
i blood for peopl
bad and good
i hurt for me
i hurt for you

Rio, 2018

onde será que deixei meu coração?
com as mulheres que amei
nas ruas por onde andei
ou nas empresas onde trabalhei?

onde será que deixei meu coração?
já pouco me lembro
nem sinto mais o vazio
nem sol nem chuva, isso é o estio?

onde será que deixei meu coração?
talvez o encontre
fuçando as memórias
reaparecerá em futuras histórias?

onde será que deixei meu coração?
foi a corrida pela vida
ou o preço da frustração?
então...
onde será que deixei meu coração?

Rio, 2018

Há muitas coisas numa só
É preciso percebê-las todas

Há muitas cores numa só
É preciso senti-las todas

Há muitas notas numa só
É preciso saboreá-las todas

Há muitas delícias numa só
É preciso lambê-las todas

Há muitas lágrimas numa só
É preciso bebê-las todas

Há muitas escolhas numa só
É preciso pesá-las todas

Há muitas razões numa só
É preciso questioná-las todas

Há muitas certezas numa só
É preciso refutá-las todas

Há muitas pessoas numa só
É preciso representá-las todas

Há muitas vidas numa só
É preciso morrê-las todas

Há muitas mortes numa vida só
É preciso vivê-las todas

Rio, 2018

o que define a angústia
se não a incerteza
ou a descerteza?

o que traz a angústia?
talvez o indesejo
ou o des-ejo

o que causa a angústia?
a própria impotência
ou o desespero alheio?

o que alimenta a angústia?
o desvelamento do verdadeiro eu
ou a percepção do real?

o que é a angústia
se não perguntas irrespondidas
e dúvidas insanadas?

o que pretende a angústia
a não ser desincoerência
e a ultradesnaturalização do ser?

o que fazer com a angústia
se não vivê-la intensamente
angustiosamente
até o fim
seja ele qual for?

Rio, 2018

são tempos angustiosos
incertos
violentos
grosseiros
interesseiros

são tempos disfarçados
medo
intolerância
obscurantismo
dogmatismo

são tempos modernos
iguais a tempos passados
o ciclo se fecha
o mundo apodrece
no atraso
no verniz tecnológico

são tempos futuros
escuros
ilhas de razão
oceanos de paixão
universos isolados
ideias desgarradas
vomitadas

são tempos de mudança
como pregressas modernidades
tudo muda
e nada muda

são tempos indesejosos
penosos
nodosos
lodosos
enojosos
preocupantes

são tempos entristecidos
perdidos
futuro indizível
quase previsível
sem conserto

são tempos angustiosos
(in)deliciosos

e só

DEVIR

o universo conspira
o ser respira
a poesia inspira
procura-se a verdade
a esmo
a felicidade
e só se encontra a vida
que vive
ao redor
queira-se ou não
viver é condição
obrigação
ainda que reação
negação
viver é experimentar
sem medo
o claro e o escuro, o sim e o não
a vida é poesia
tristeza e alegria
tudo é poesia

Rio, 2018

Houve um tempo
Em que o tempo
Não era o tempo
Era só tempo

Há olhos que veem
E olhos que escutam
Há bocas que descobrem
Ha bocas que matam

Há amores que nos bastam
Há amores que nos faltam
Há amores banais
Há amores ancestrais

Há vidas que se tocam
Há vidas que se afastam
Há vidas que se matam
Há vidas a viver

Destino, destino meu
Existe um fingidor
Mais insano do que eu?

Há o mínimo
E o excesso
Há o beco
E o acesso

Desver o ser
Para
Desvelar o existir
Despermanecer
Para
Compreender o devir

Eu rimo sim
Estou sofrendo
Tem gente que não rima
E está feliz

Absurdo
O ator desnudo
O sentimento mudo

Pois enquanto houver tesão
Haverá solução

Você é o cão
Disse o monge
Au au ão
Lati ao longe

E agora as últimas notícias
Das desoladas primícias
Das inacessíveis delícias

Mas antes
Conquantes

Se beber
Não dirija
Redija

Pois

Milhares morrerão de medo
E milhares morrerão sem crédito
Mas você, homem de bem,
Você morrerá também.

Rio, 2018

Pré
Pós
Eu
Você
Nós

Claro
Escuro
Eu
Você
Muro

Dentro
Fora
Eu
Você
Agora

Forte
Suave
Eu
Você
Nave

Longe
Perto
Eu
Você
Correto

Sempre
Jamais
Eu
Você
Demais

Muito
Pouco
Eu
Sem você
Rouco

Manso
Medonho
Eu
Sem você
Tristonho

Antes
Depois
Eu
Você
A dois

Anjos
Quimeras
Eu
Você
Feras

Não
Sim
Eu
Você
Assim

Todos
Nenhum
Eu
Você
Um

o tempo passa
a vida passa
tudo passa
só não passa o que sinto
nem o que pressinto
e não é bom

gente vem e vai
dinheiro vem e vai
tudo vem e vai
só fica mesmo a descrença
e a desavença
e não é bom

Rio, 2018

É o fim?
Sim.
Será rápido?
Talvez.
Já é hora?
Agora.

Rio, 2018

beijemos o desprezo de ponta-cabeça
na demência da procrastinação
o des-sentido da existência
pura paranoia esquizofrênica
são palavras aleatórias atiradas ao cerne da questão

as pétalas mais importantes
são as que caem das flores
cumpriram uma parte da missão
agora cumprirão a próxima

as folhas mais importantes...

a fase mais importante da vida
é quando se cumpriu uma parte da missão
pico explorado
descemos ao vale
e coexistimos com os vermes
gerando vida nova
em outra dimensão
de eterno esquecimento

Rio, 2018

meu pai
bebia
escondido
fugia
da vida pouca
insossa
que lhe restava
fugia
de mim
que sabia
da cachaça
meu pai
bebia
escondido
furtivo
fugia
de mim
que sabia
de tudo
tive pena
depois
larguei
de mão
era sua
a vida sua
e única
sua diversão
não importava
a razão
meu pai
morreu
acho
infeliz
sem dinheiro
sem minha mãe
morreria
igualmente
com
ou sem
a bebida

Rio, 2018

Legado

[ou *De arrogantia*]

quem é você?
o que você fez na vida?
que legado deixará para a humanidade?

descobriu a cura para alguma doença grave?
inventou algo que mudou a vida de todos?
escreveu um livro libertador?
revolucionou a música?
as artes em geral?
acabou com a pobreza ao menos em sua cidade?
promoveu mudanças sociais para mais respeito e inclusão?

não?
então você é um merda
como tantos outros
só isso
e nada mais

continuando,
quem é você?
o que você fez na vida?
que legado deixará para a humanidade?

foi pai, foi mãe?
educou seus filhos?
trabalhou?
juntou dinheiro?
comprou casa, carro e conforto?
estudou?
fez doutorado?
adquiriu bastante cultura livresca?
conhece política, economia, cinema, literatura e música?
fala outros idiomas?
tem bastantes amigos?
come e bebe e socializa?
foi à igreja?
virou representante da fé?
seguiu a "moral" e os "bons costumes"?
zelou pelos princípios em que acredita?
seguiu o padrão geral?
ah, mudou o padrão para você e seus seguidores?

sim?
fez tudo isso direitinho?
então você é um merda
como tantos outros
só isso
e nada mais

prossequindo,
quem é você?
o que você fez na vida?
que legado deixará para a humanidade?

construiu um império financeiro?
ah sim, deu emprego a muitos?
que bom, mas ficou com quase todo o lucro?
ou dividiu a maior parte com os empregados que recebiam seu "salário de mercado"?
entrou na política?

foi presidente?
melhorou irreversivelmente a vida do povo?
construiu um país melhor para todos?
ou acha que construiu?
mas só manteve o que sempre foi?
foi alguma celebridade?
fama? dinheiro e pessoas e "amigos"?
divertiu as gentes?
muita mídia? muitos *likes*?
redes sociais?
fez doações humanitárias? descontou do imposto de renda?
foi atleta?
ganhou medalhas?
enriqueceu?
vai morrer saudável e bem-cuidado?
deixa os seus bem encaminhados?
tem sucessores à altura de prosseguir com os negócios?
com a família?
sob os mesmos princípios morais?

é isso mesmo?
melhor, é **SÓ** isso mesmo?
então você é um merda
como tantos outros
só isso
e nada mais

assim,
saiba que nada disso é motivo de orgulho
você viveu no egoísmo
tudo para você e para os seus
o bem que fez sempre foi em troca de algo
julgar-se bom cidadão ou cidadã é pura arrogância
você chafurda na lama da presunção
na mesmice mundana estereotipada
você empobrece a pobreza e enriquece a nobreza
você dá sobrevida ao racismo
você apoia a intolerância
você justifica a escravidão
você viveu, viveu e nada fez de relevante
você é a continuidade do que sempre esteve, dos seus iguais
apenas com nova roupagem
mas dentro da mesma linhagem

de novo,
quem é você?
o que você fez na vida?
que legado deixará para a humanidade?

insisto,
você é um merda
só isso
como tantos outros
como eu

pense nisso quando se sentir acima de alguém
do alto de seu "progresso" e "superação"
olhe-se no espelho da alma
e pergunte
quem é você?
o que você fez na vida?
que legado deixará para a humanidade?

para a humanidade
não para você e aqueles a seu redor

em resumo,
você não fez nada mais que sua obrigação
manter-se e aos seus
sobreviver e melhorar
sua vida e a dos seus
viver assim é o básico
só o básico
e nada mais

podia ter roubado?
ter sido um drogado?
alcoólatra?
preso?
assassino?
foi nada disso?

ainda assim,
nada mais que sua obrigação
de viver segundo as leis
sem ferir
sem se prejudicar
sem afetar demais os demais
menos mal
mas isso é só o trivial
o esperado
nada de muito expressivo
nada a ser enaltecido

sim,
no fim das contas,
você é um merda
só isso
como tantos outros
como eu

e isso carregaremos para o túmulo
nossa existência vã e inócua
ainda que com o verniz da evolução
da superioridade
da inteligência
do mérito
mas a verdade é que passamos sem deixar marca
a marca eterna que atesta nossas realizações
a marca que independe de nossa verdade
porque no fundo é só isso que importa
a nossa verdade
e só

sim, é difícil
sobressair
deixar a mediocridade
num mundo injusto
agressivo
díspar
competitivo
sem oportunidades para os lá de baixo
para os incapazes, para os doentes
sem sorte

sem ajuda
mas o que dizer de quem tem a chance?
a tal faça proverbial para cortar o queijo?
e se acomoda?
dá migalhas em vez de pão?
vomita erudição e produz destruição?

trabalho?
esforço?
para quê?
para quem?
por quê?
para dar vantagem ou tirar vantagem?
para usufruir do comodismo de "ser um só"?
de "não poder lutar contra o sistema"?
de "não poder mudar o mundo"?

balela
desculpas
toscas
esfarrapadas
injustificadas
desesperadas
esburacadas
condescendentes
insuficientes
insustentáveis

acha que fez muito?
então deixe-me informar:
não fez nada, não deixará nada
nada de importante, de real valor
você vai passar sem nome e sem galardão
no máximo um nome de rua
ou algo assim
que grande vitória! que grande conquista! que existência fantástica!

pois é,
resumindo,
você é um merda
arrogante, prepotente, (auto)bajulador
pura e reles exibição de sabedoria ou bens materiais
talvez você projete seus sonhos nos filhos – que igualmente serão merdas como você
nada mais
como tantos outros
como eu
como todos que vivemos em ilusão
justificando nossa inação
com nossa diária (auto)doutrinação
e (auto)negação
desejamos e pensamos ser o herói
mas em verdade somos o vilão
você e eu
seres des-humildes, in-humildes, a-humildes
vendo uma gloriosa e vitoriosa luz inexistente
onde só há o desprezível e indiscutível breu

a folha cai
para
cai
bate aqui
bate ali
cai
na terra
cinco segundos
o olhar admirado

o tiro sai
a bala viaja
lépida
reta
certeira
fura o peito
mata
cinco segundos
o olhar estupefato

Rio, 2019